

Nº 15  
Volume 03  
Setembro  
2006



# Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**  
FUNDADAÇÃO HÉLIO GALVÃO



VILAS EM  
NATAL

Márcio Moraes Valença e Gilene Moura Cavalcante

Natal é um extraordinário laboratório para observação e análise das mais variadas formas de moradia. Há dezenas de conjuntos habitacionais, instalados na cidade por força da política da “casa própria” do Banco Nacional da Habitação – ou simplesmente BNH (1964-1986) –, durante o período do regime militar, através da COHAB e do INOCOOP.



Small Ville

Os conjuntos construídos pela COHAB, como Cidade da Esperança, por exemplo, sempre na periferia imediata da fronteira urbana, onde são encontradas grandes glebas de terras a custo relativamente baixo, foram tão significativos para a expansão da cidade que hoje dão nome a bairro, linhas de ônibus etc. São importantes referências espaciais. Praticamente, foi a construção dos grandes conjuntos a responsável pela formação e ocupação atual do que, na cidade, é conhecida como Zona Norte. Há, também, habitações isoladas, principalmente as destinadas à classe média, que resultaram da

forma como a cidade tem sido loteada, desde o início do século vinte, mais intensivamente a partir da década de 40. Há um número razoável, porém abaixo da média nacional para cidades de mesmo porte, de favelas, destacando-se as que se localizam em Mãe Luíza e ao longo da margem direita do estuário do Potengi, e também inúmeras outras, de menor porte, espalhadas por toda a cidade. Há um número crescente de condomínios residenciais verticalizados, incluindo os do tipo flats (em bairros de elite, como Ponta Negra, Capim Macio, Candelária, Lagoa Nova, Tirol, Petrópolis), como também condomínios e loteamentos fechados, como os três grandes da Jaguarari, que servem à classe média e média-alta. Em contrapartida, cresce o número de loteamentos clandestinos ou irregulares, localizados nos interstícios dos conjuntos e dos loteamentos regularmente estabelecidos, dinâmica que tem sido muito forte na Zona Norte nos últimos anos. Há, também, um grande número de residências, em particular

de aluguel, situadas em vilas. As vilas estão por todo lado e são encontradas em todos os bairros da cidade, mas sua presença nos bairros mais centrais – e populares – é marcante. Incrustadas no interior dos quarteirões, quase incógnitas, as vilas, na cidade de Natal, formam um labirinto quase irreconhecível na paisagem urbana. Trata-se, verdadeiramente, como em Calvino, de uma “cidade invisível”. Quem passa não vê ou não nota. No entanto, as vilas são comuns na cidade e de grande importância para a vida de número nada desprezível de famílias de trabalhadores que buscam, entre outras qualidades, uma inserção privilegiada na cidade. Como diria Luiz César Queiroz Ribeiro, as vilas são, dada sua proximidade à infraestrutura, serviços diversos e, principalmente, trabalho, uma espécie de ticket de acesso à cidade. As vilas assemelham-se aos “quartos de fundo”, “corredores de casas”, “casas de cômodos”, “cortiços” e outras tipologias com variadas denominações. Quase

sempre, são habitações “coletivas”, ou que se formaram dessa maneira, conectadas que são por um acesso único – o beco – de uso restrito aos moradores. São aglomerados de quatro a 20 pequenas casas. Algumas mantêm, até hoje, seus traços originais, sendo as dependências sanitárias de uso comum. Em muitos casos, as vilas são construções precárias, no interior do lote, com acesso lateral à casa principal (que normalmente fica de frente para a rua), onde reside ou residia o proprietário. Pode ter um acesso central, situação em que a casa principal não existe e há casas distribuídas em ambos os lados do beco. Há outras situações em que as casas são de melhor qualidade, que foram vendidas a inquilinos ou terceiros e, por isso, já se diferenciam umas das outras. As construções irregulares são comuns, mas o lote é, em muitos casos, regular. Pelo fato de a vila – que comporta o beco – ser construída em lotes de particulares, a infraestrutura interna nem sempre é adequada, pois depende de manutenção

dos moradores ou do proprietário. É comum que vilas precárias estejam localizadas em áreas com boa infra-estrutura – como no Alecrim, em Ponta Negra ou em Nova Descoberta – e acesso à rua que oferece serviços diversos ou boa circulação.

A rua é o elo entre a vila e a cidade. Morar em vila é conveniente para quem carece de maiores recursos, por vários motivos. Importa a proximidade e acesso facilitado ao que a cidade oferece: escolas, postos de saúde, mercado de trabalho, infra-estruturas, transporte, segurança, entre outros serviços diversos. A proximidade de tudo traduz-se em economia de tempo, locomoção e dinheiro. O beco, estreito acesso entre a casa e a rua, embora nem sempre seja bem dotado de calçamento e drenagem, é um espaço semi-público por isso, favorece a convivência entre os vizinhos. É comum pessoas de uma mesma família morarem na



Vila Naval - Alecrim



Vila Cunha Lima - Alecrim

Vila Miranda - Alecrim  
Labim/UFRN

mesma vila ou em vilas próximas. No beco, realizam conversas de fim de tarde, vigiam as casas uns dos outros, espreitam os forasteiros, resolvem conflitos, festejam; crianças correm e brincam em relativa segurança. Porém esses momentos estão se tornando cada vez mais raros. A maior parte dos moradores passa o dia fora de casa trabalhando; a insegurança crescente invade como um todo tem induzido a instalação de portões de acesso; a proximidade da convivência, já que as minúsculas casinhas são dispostas lado a lado ao longo do beco, tanto favorece a boa convivência como o conflito, quando alguns indivíduos se excedem no barulho e/ou na bebida. Em geral, no entanto, as vilas ainda conservam um pouco do lúdico verificado em sua origem, na convivência entre vizinhos. Ainda é possível encontrar pessoas sentadas nas calçadas ao longo do beco, em longas conversas. Associado a

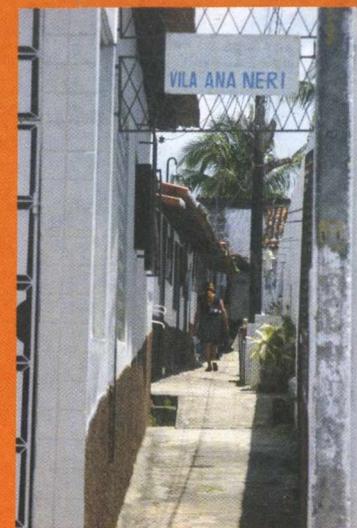
isso, em alguns casos, a rotatividade da troca de inquilinos nas vilas de casas de aluguel dificulta a criação de vínculos entre os moradores e aumenta a sensação de insegurança face ao desconhecido.

A casa quase sempre é humilde. Não é raro ter apenas dois cômodos, sem banheiro privativo. Há vilas de diferentes padrões arquitetônicos e de qualidade, das mais simples e depredadas até aquelas um pouco mais sofisticadas que se assemelham a condomínios fechados. As mudanças no padrão das vilas refletem as variações na renda das famílias locatárias ou proprietárias. Em especial, são de melhor padrão as casas de propriedade dos moradores. Nesses casos, verificam-se a mudança de fachada, a construção de sobradinho e outras melhorias. Também é possível que a vila esteja localizada em um melhor trecho do bairro. Quase sempre, as casas são geminadas e obedecem ao mesmo padrão. São construções irregulares tanto por não serem licenciadas como por não seguirem as normas estabelecidas no código

de obras. Assim, salas conectam-se a cozinhas e banheiros ou transformam-se em quartos de noite, enquanto de dia servem como local de trabalho. Em muitas delas, a circulação de ar não é favorecida porque o pé-direito é baixo e a abertura das janelas pequena. A qualidade dos materiais empregados na construção é duvidosa e muitas paredes apresentam rachaduras e marcas de umidade. Não é comum haver laje ou algum tipo de forro, ficando o telhado aparente. A maior parte dos moradores de vilas apresenta carências e demandas sociais de ordens diversas. Os moradores das vilas se ocupam de trabalho de baixa remuneração, que não exige grande especialização profissional. São empregadas domésticas, seguranças, vigilantes, auxiliares de cozinha, carroceiros, faxineiras, zeladores, entregadores, auxiliares de serviços gerais, motoristas, motoboys, serventes de pedreiro, porteiros, eletricitistas, costureiras, pintores de parede etc.

O padrão de renda dos moradores das vilas é bastante modesto se comparado àquele dos bairros nos quais as vilas estão inseridas, principalmente os de elite, como Ponta Negra, Lagoa Nova e Capim Macio, ou Nova Descoberta, cuja localização é privilegiada nesse sentido. Nas vilas de Nova Descoberta, por exemplo, a renda dos chefes de família é, em média, de R\$500,00.

A maior parte das famílias ganha em torno de um salário mínimo. Na Vila de Ponta Negra, a situação se repete, com a média de renda por domicílio de R\$ 420,00. Com um padrão de renda tão modesto, certamente não é de se estranhar que os moradores das vilas tenham uma vida com tão poucas atividades recreativas ou de lazer. Para estes, lazer significa oportunidade de descanso, já que suas vidas são tão sobrecarregadas de trabalho duro. Lazer é chegar em casa e assistir a um programa de televisão, é conversar com seus vizinhos, ir à casa de familiares ou à igreja. Suas demandas são muito modestas na ordem da



Vila Ana Neri

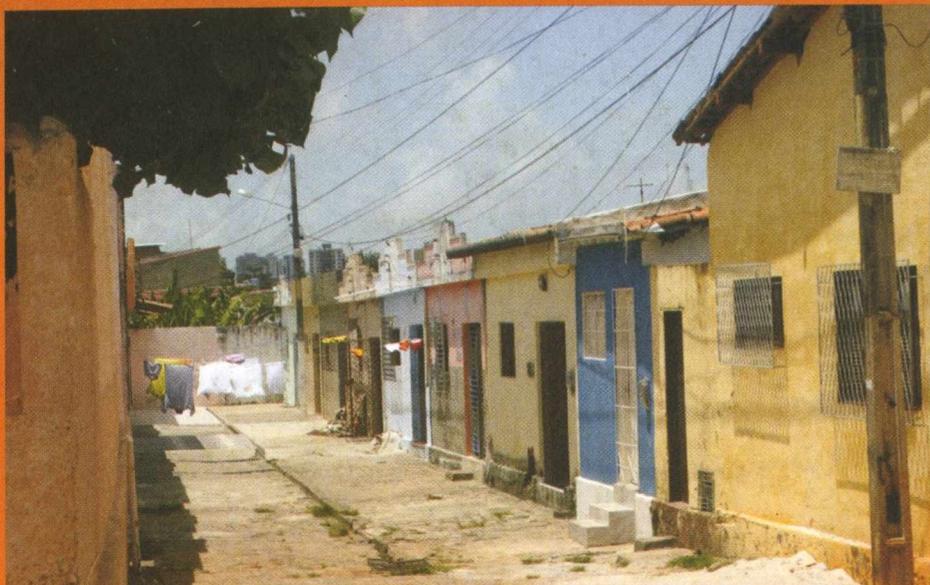
subsistência social, já que essa população apresenta grandes carências. Boa parte dos chefes de domicílios das vilas trabalha no próprio bairro ou nas adjacências. Em muitos bairros, as vilas se amontoam em grande número, o que favorece a emergência de pequenos prestadores de serviços e comerciantes. Em alguns casos, dadas as alterações do perfil socioeconômico dos moradores no universo do próprio bairro e da proximidade (elitização do bairro, como em Ponta Negra), ocorre um aumento de demanda por trabalhadores em serviços domésticos e outros a estes relacionados. Nas vilas da Vila de Ponta



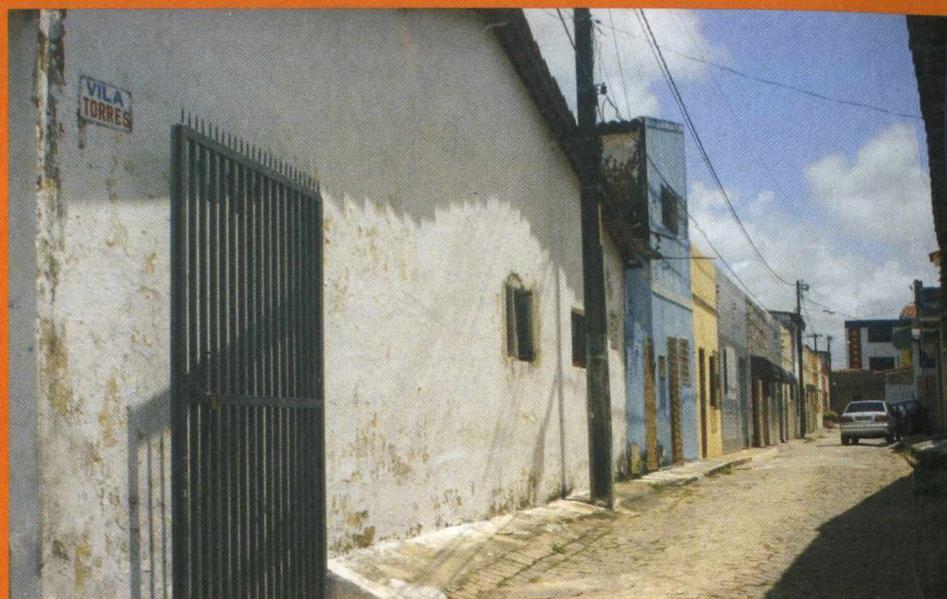
Vila Jerônimo - Alecrim



Vila da Romualdo Galvão



Vila Cruzeta



Vila Torres

Negra, por exemplo, a maior parte dos chefes de família trabalha na própria Vila, na praia, no conjunto ou em outras localidades do bairro de Ponta Negra. A Vila de Ponta Negra tem um grande significado para a subsistência dos residentes nas muitas vilas que ali se encontram. Apesar das transformações por que o

local vem passando, ainda existe um simbolismo que se remete à antiga aldeia de pescadores e que acaba por atrair a atenção de diferentes tipos de público, do turista nacional e internacional até a população residente em outros bairros da cidade, a qual vai à Vila em busca do peixe ou da renda de bilro feita pelas poucas

rendeiras que ainda existem. Outro aspecto de interesse que diz respeito à elitização de extensas áreas na cidade de Natal, em particular na Zona Sul, é a dinâmica do mercado imobiliário nas vilas. A casinha de vila tem aluguel alto, se considerado em relação ao seu tamanho e

qualidade. Paga-se pela inserção privilegiada no bairro e na cidade e pelas facilidades de uma vida solidária entre iguais no âmbito das áreas de maior concentração de vilas. Os aluguéis são contratados entre as partes, sem formalidades. É cada vez mais comum a presença de pequenos corretores intermediando

as partes, mas muitos aluguéis são contratados através dos próprios moradores. Em bairros elitizados, como nem todos os terrenos das vilas encontram-se irregulares, o mercado formal avança sobre áreas antes ocupadas por essa forma de moradia.

RUA DOS PAJEUS  
VILA GERUZA

VILA  
MIRANDA

SMALLVILLE

VILA GOMES

VILA  
CUNHA LIMA

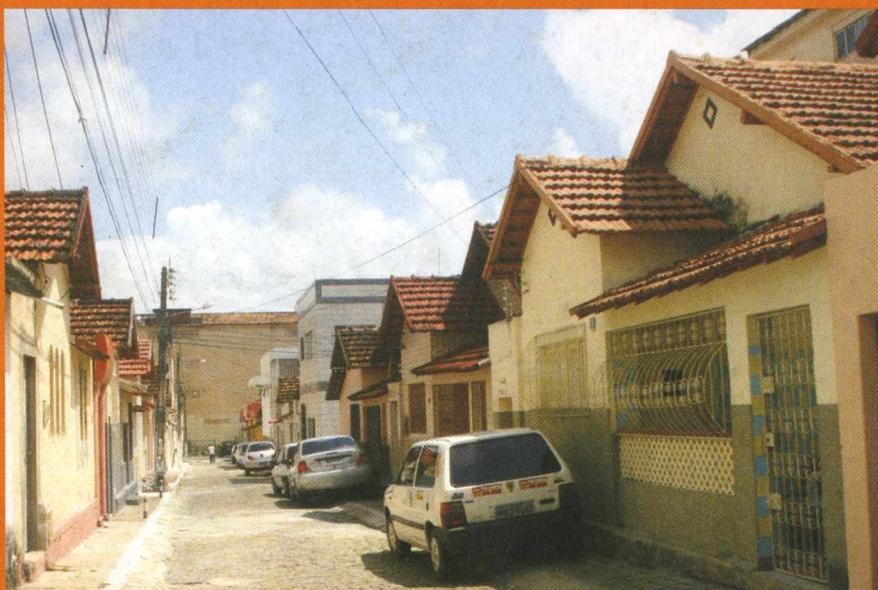
VILA ANA NERI

VILA  
JERÔNIMO

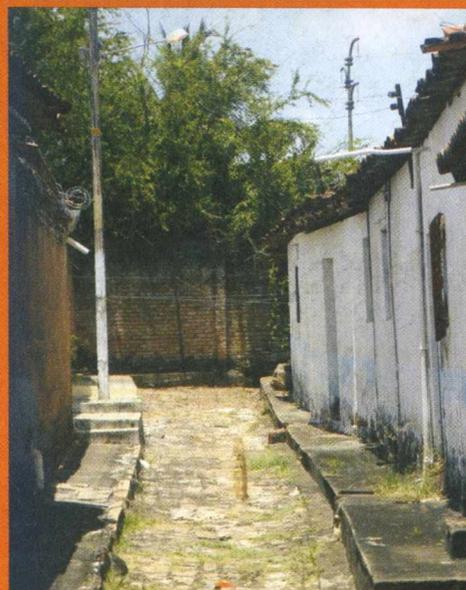
VILA  
TORRES

VILA PADRE  
JOÃO MARIA

TRAVESSA  
DOIS IRMÃOS



Vila IAPC - Rua Campos Sales - Tirol



Vila Gomes - Av. Mário Negórcio - Alecrim

Galante

Scriptorina **Candinha Bezerra**  
FUNDAÇÃO HELIO GALVÃO  
Fones: (84) 3211-8241/fax: 3211-8790

Direção Artística e de Pesquisa  
Dácio Galvão

Direção Executiva e Fotografias  
Candinha Bezerra

Consultoria  
Luiz Assunção

Colaborador  
Márcio Moraes Valença  
Arquiteto, professor doutor do Departamento de  
Geografia da UFRN.

Gilene Moura Cavalcante  
Doutoranda em Ciências Sociais-UFRN

Revisão  
Ana Maria Jasiello

Programação visual  
Jussié Costa

nacaopotiguar@uol.com.br

PROJETO  
N A Ç Ã O  
**Potiguar**  
Scriptorina **Candinha Bezerra**  
FUNDAÇÃO HELIO GALVÃO

LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA  
MINISTÉRIO  
DA CULTURA

grupo  
**TELEMAR**

**DIÁRIO  
DE NATAL**

projeto  
**Ter**